

A AFETIVIDADE E LUDICIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Maria José dos Santos Junqueira

Universidad Del Sol

<http://lattes.cnpq.br/8255317552105218>

<https://orcid.org/0009-0007-2170-0355>

E-mail: producaoacademica@gmail.com

Suelene Lacerda de Oliveira

Universidad Del Sol

<http://lattes.cnpq.br/5854387624260132>

<https://orcid.org/0009-0005-4147-8515>

E-mail: producaoacademica@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-67>

RESUMO: Ao se referir à inteligência ou à capacidade cognitiva das pessoas, quase sempre se está mencionando sua capacidade de assimilação diante do vários objetos que podem ser alvo da busca por conhecimento. O objetivo desse artigo visa apresentar a afetividade e ludicidade na educação infantil. A metodologia adotada é bibliográfica, onde buscou-se artigos dispostos nas bases eletrônicas confiáveis como Scielo, Google Acadêmico e Revistas (Pubmed, Lilacs...) que contemplassem a temática de que trata sobre a relevância da afetividade tendo com a motivação um aliado para a construção da aprendizagem. Como resultado tem-se que a afetividade e ludicidade impactam diretamente na aquisição do conhecimento. Conclui-se que a afetividade é usada com uma importância mais abrangente, referindo-se às vivências do homem, bem como pelas formas consideradas de maior complexidade e, ao mesmo tempo, essenciais para o homem, pois se vive em um período em que o tempo passa cada vez mais rápido e o ensino-aprendizagem representa um ponto de esperança, de equilíbrio, na busca por uma qualidade de vida melhor juntamente com a realização profissional e pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Ludicidade. Conhecimento.

AFFECTIVITY AND PLAYFULNESS IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

ABSTRACT: When referring to people's intelligence or cognitive capacity, their ability to assimilate the various objects that can be the target of the search for knowledge is almost always mentioned. The objective of this article aims to present affection and playfulness in early childhood education. The methodology adopted is bibliographic, where articles were searched for in reliable electronic databases such as Scielo, Google Scholar and Magazines (Pubmed, Lilacs...) that covered the theme that deals with the relevance of affectivity, having motivation as an ally for the construction of learning. As a result, affection and playfulness have a direct impact on the acquisition of knowledge. It is concluded that affectivity is used with a more comprehensive importance, referring to man's experiences, as well as forms considered to be of greater complexity and, at the same time, essential for man, as we live in a period in which the Time passes increasingly

quickly and teaching-learning represents a point of hope, of balance, in the search for a better quality of life together with professional and personal fulfillment.

KEYWORDS: Affectivity. Playfulness. Knowledge.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a formação da personalidade dos alunos está diretamente relacionada ao engajados dos professores no exercício de sua profissão, não apenas em termos de inteligência, mas também em termos de moralidade, sentimento e fisicalidade. Conseqüentemente, a unidade ensino-educação resulta na formação de habilidades cognitivas, críticas e comunicativas dos alunos. A realização das atividades escolares permite que os estudantes aprimorem sua capacidade de analisar e interpretar de forma objetiva e crítica os acontecimentos naturais e sociais. A unidade ensino-educação se manifesta na construção de perspectivas e convicções em relação à realidade durante o processo de ensino. O processo de ensino deve promover o entusiasmo e o interesse pela aprendizagem, enfatizando a relevância do conhecimento para a vida e a carreira (LIBÂNEO, 1994).

Segundo Piletti (1991), As metas de ensino devem ser abordadas de maneira única e distinta, uma vez que estão alinhadas com os objetivos gerais do campo de aprendizagem, e é essencial que sejam consistentes. Colaborar com os objetivos educacionais do currículo, assim, os objetivos educacionais devem estar em conformidade com a visão da instituição estabelecida pelo plano.

Na busca pela integração entre as experiências lúdicas e o aspecto emocional, percebe-se que o uso do lúdico como recurso possibilita um ensino adequado, fácil e divertido. Da mesma forma que a afetividade oferece ao aluno a confiança para cometer erros sem conseqüências e, assim, procurar maneiras de adquirir conhecimento. A criança também desenvolve seu conhecimento por meio de brincadeiras autônomas, conhecidas como brincadeiras livres, e esse processo é mais eficaz quando se utilizam métodos que incentivam os alunos a buscar o conhecimento de forma significativa. Desta forma, A ludicidade e a afetividade são abordagens que facilitam essa busca, tornando a aprendizagem um processo prazeroso.

A aprendizagem na educação infantil é construída por meio de experiências

lúdicas e interativas que promovem o desenvolvimento cognitivo, motor e socioemocional das crianças, bem como por meio de situações afetuosas e atenciosas.

Segundo Oliveira (2010), A concepção de educar crianças de diversas origens sociais já era abordada por Comenius, um pedagogo reconhecido como o precursor da didática moderna. Segundo esse teórico, a educação infantil deveria utilizar materiais baseados em modelos e objetos reais para auxiliar as crianças a realizar aprendizagens abstratas no futuro.

O PROFESSOR AFETIVO E A DIDÁTICA

Wallon (2007), acredita que a emoção é o principal e mais poderoso vínculo entre as pessoas. Gestos, pantomimas e expressões faciais devem ser observados, pois fazem parte da atividade emocional. A comunicação afetiva ajuda a aliviar esses momentos, pois uma pessoa se coloca do outro lado para oferecer apoio e afeto. Nessas situações, é importante expressar amor. O educador deve ter conhecimentos técnicos adquiridos por meio de sua formação e uma atitude objetiva em relação às crianças sob seus cuidados. Desta forma, É responsabilidade do educador proteger as crianças de suas próprias emoções intensas e agressivas, fornecendo a orientação necessária quando elas precisam resolver essas situações imediatas (WINNICOTT, 1985).

Nesse processo, os professores devem promover situações que estimulem os indivíduos a pensar, analisar e relacionar o que aprenderam com a realidade que experimentaram. A conscientização das tarefas de ensino e aprendizagem é a base das crenças, princípios e ações. Essas crenças, princípios e ações estão ligados às práticas educacionais dos alunos e propõem situações reais que permitem a reflexão e análise com base em sua própria realidade (TARDIF, 2002).

No entanto, A natureza da educação está intrinsecamente ligada ao objetivo do ensino crítico, que se concretiza no processo de ensino. É por meio desse processo que a formação da consciência crítica individual é alcançada, permitindo que as pessoas pensem de forma independente. Assim, a educação crítica está intimamente ligada às políticas sociais e aos objetivos do ensino, bem como à seleção e organização de conteúdos e métodos. De acordo com uma postura específica no contexto das relações sociais e da

prática social atual (LIBÂNEO, 1994).

O afeto nos humaniza, promove a construção de laços com amigos, familiares e colegas, e traz significado para a vida. O professor deve ter um olhar sensível para o aluno, avaliando cuidadosamente em sua prática pedagógica, buscando compreender seus valores e transformando-os em atividades em sala de aula para promover o desenvolvimento do ensino-aprendizagem individual. Essa sensibilidade permite que o professor compreenda as fases de crescimento da criança e desenvolva estratégias em sala de aula que produzam resultados satisfatórios. Promover atividades dinâmicas com a participação dos alunos pode levar a surpreendentes aprendizados.

Quando os alunos têm objetivos e são incentivados a alcançá-los, eles desenvolvem uma maior autoestima, o que melhora seu desempenho acadêmico e promove relacionamentos positivos com outros alunos. Uma boa autoestima também ajuda a lidar com a pressão dos colegas.

Desta forma, A aprendizagem significativa depende mais da forma como o professor ensina do que do próprio conteúdo. O educador deve motivar seus alunos demonstrando prazer em ensinar e fornecendo elementos afetivos para que possam lidar e resolver situações cotidianas, obtendo conhecimentos significativos que serão úteis por toda a vida.

O método de ensino afetivo busca o desenvolvimento cognitivo através da interação emocional, tornando o aprendizado mais agradável e significativo. No entanto, os educadores também podem optar por uma postura firme e rígida para estabelecer sua autoridade em sala de aula. A educação emocional propõe um ambiente humanizado que requer uma mudança na postura dos professores, com flexibilidade e valorização, promovendo uma relação harmoniosa entre professores e alunos no espaço do conhecimento.

O professor afetivo é capaz de reconhecer os motivos do comportamento da classe e estar preparado para possíveis reações do grupo, explicando-os aos alunos. A presença do afeto familiar dos educadores reflete os desejos individualizados dos alunos, criando um ambiente de sala de aula confortável que estimula a curiosidade e a automotivação dos alunos.

Analisar as questões afetivas em sala de aula permite estabelecer uma conexão entre o aluno e o conteúdo escolar, pois as relações afetivas vivenciadas pelos alunos influenciam seu processo de conhecimento (LEITE; TASSONI, 2002, p. 15).

A interação em sala de aula envolve uma série de ações complexas entre professor e alunos, onde o comportamento anterior influencia o próximo comportamento, e é por meio dessas formas de atuação que os professores determinam a relação entre os alunos e os objetos de conhecimento.

A escola desempenha um papel fundamental como espaço educativo, mediando o conhecimento e proporcionando aos alunos o acesso à construção do saber, visto que a transmissão de conhecimento ocorre por meio da interação entre pessoas. Nas relações estabelecidas na sala de aula, o afeto está sempre presente entre professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno. Esses componentes são essenciais para tornar a relação significativa e representar uma parceria no processo de ensino-aprendizagem.

Os professores são agentes de estímulo para os alunos, não apenas parabenizando suas realizações, mas também aprendendo lições sutis com os contratempos inevitáveis. Sabe-se que muitas são as situações que os professores encontrarão no decorrer do caminho, buscando destacar o desenvolvimento da autoconfiança e da coragem dos alunos.

As emoções na sala de aula já não indicam falta de controle, os professores de emoções trabalham as questões de restrição, pois já estão habilitados a serem confiantes e estão bem preparados podendo se comunicar com a nova geração e entendendo as tendências contemporâneas.

A CONTRIBUIÇÃO DA LUDICIDADE PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Desde a antiguidade o lúdico tem se mostrado algo indispensável na construção de conhecimento significativo. Os jogos, as brincadeiras, os brinquedos têm exercido grande influência na construção e no desenvolvimento da aprendizagem, algo que atualmente não se apresenta mais como uma novidade. É notório compreender que as diversas mudanças e dificuldades que ocorreram nos processos educacionais ao longo dos

séculos, fizeram com que alguns profissionais da educação buscassem novos preceitos e maneiras ousadas de buscar meios e técnicas diferentes de ensino e cada vez mais ousadas no sentido de incentivar a aprendizagem de uma forma voltada a trazer alegria e descontração nas salas de aulas.

A educação lúdica está distante da concepção ingênua de passa tempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. Ela é uma ação inerente na criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações com o pensamento coletivo (ALMEIDA, 1999, p. 13).

De acordo com Vigotsky (2011), o relacionamento com o outro proporciona um avanço maior na estruturação do pensamento do que se o sujeito estivesse sozinho. No jogo a criança age em um nível que ultrapassa o que está acostumada a fazer, obedecendo a regras, interagindo socialmente, estabelecendo limites e aprendendo os conteúdos, que nessa situação, são os propostos pelos jogos e brincadeiras.

Os jogos e brincadeiras fazem parte do universo infantil, tanto do lado do divertimento como do desenvolvimento. Logo, o lúdico é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, em virtude das interações provocadas neste ato realizado pelos alunos. Através do convívio social as crianças desenvolvem habilidades motoras e exercitam a mente, de maneira que promove a construção de novos conhecimentos de forma prazerosa e divertida. Contudo, os jogos e as brincadeiras têm que atender os objetivos propostos nas atividades mediadas pelo professor, com intuito de promover no aluno o conhecimento sobre o desenvolvimento físico, mental e socioemocional.

O brinquedo contém sempre uma referência ao tempo de infância do adulto com representações vinculadas pela memória e imaginações. O vocábulo “brinquedo” não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota a criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto, é sempre suporte de brincadeiras. Piaget em suas idealizações completa que o brinquedo é a oportunidade de desenvolvimento, brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere as habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporcionam o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.

O brincar permite a criança resolver conflitos internos, além de garantir a construção do conhecimento e do desenvolvimento emocional, cognitivo e social. O tempo utilizado pela criança para brincar contribui para o seu bem-estar e para suas experiências futuras. É a oportunidade que a criança tem “Brincando ela irá pouco a pouco aprendendo a se conhecer melhor e a aceitar a existência dos outros, organizando suas relações emocionais e, conseqüentemente, estabelecendo suas relações sociais (LEONTIEV, 1991, p. 79).

Ainda de acordo com o RCNEI (BRASIL, 1999, v1, p. 28) os vários tipos de jogos incluindo os movimentos corporais propiciam a ampliação dos conhecimentos da criança por meio de atividades lúdicas e este projeto mostra a importância do uso do lúdico como objeto de construção do conhecimento significativo.

A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na segunda metade do século XX, crianças com idade entre 0 e 5 anos, começaram a ser reconhecidas como sujeitos ativos no que diz respeito à educação institucionalizada. O processo ocorre a partir de ações que partem de partilhar de experiências no âmbito educacional, juntamente a um adulto que na época em sua grande maioria eram mulheres. Assim, a Educação Infantil – que antes era direito apenas de crianças de mães trabalhadoras – com a Constituição de 1988, passou a ser direito de todas as crianças.

Com a Constituição, a Educação Infantil passou a ter seu espaço e a ser uma instituição pública. A década de 1970, foi marcada por grandes movimentos sociais para a ordem legal da educação, visando a implantação de novas políticas e um processo de redemocratização no país. Já na década de 1980, houveram inúmeras reformas na área da educação, fato marcado pelos direitos das crianças a creches e pré-escolas regidas na Constituição Federal.

Faria (2002), destaca que, na virada dos séculos XVIII para XIX, a partir da organização da sociedade burguesa, é que as crianças passaram a ser percebidas como seres sociais com necessidades próprias, dignas de atenção familiar e social.

A origem das instituições de Educação Infantil está entrelaçada com o desenvolvimento urbano e industrial. Inicialmente, as creches eram lugares onde os operários deixavam seus filhos enquanto estavam no trabalho, caracterizando assim, as

instituições de Educação Infantil como assistencialistas, ou seja, elas tinham o dever de manter a criança segura, alimentada e higienizada. Assim, historicamente, foram os médicos higienistas que se alertaram, direcionando-se para a infância, em razão do alto índice de mortalidade infantil. Com isso, a Educação Infantil começou a se desenvolver e criar espaço, levando em conta as questões de saúde e o assistencialismo. Anos atrás, o objetivo da Educação Infantil era agir sob a ótica do assistencialismo, então, as creches possuíam direção filantrópica e seguiam o modelo das creches francesas, tendo a finalidade de cuidar das crianças pobres, com idade de 0 a 2 anos, para que as mães pudessem trabalhar.

A construção da identidade e da autonomia se dão pelos processos de socialização e nas interações, partindo daí vínculos afetivos vão sendo construídos entre professores e alunos de modo que aprendam uns com os outros a partir de suas diferenças. Um ambiente de acolhimento é de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem das crianças na Ed. Infantil e cabe ao professor o papel de incentivar a aprendizagem e a linguagem, para que as crianças saibam conviver com os que estão a sua volta, sempre procurando meios para resolver os problemas com os quais se deparam no dia-a-dia.

Por esses fatores, entendemos que a afetividade é parte integrante do indivíduo, sendo importante por toda a vida, porém, quando se diz que na infância é um fator determinante, queremos expressar que, a criança é um indivíduo que está em pleno desenvolvimento e precisa de estímulos, de pessoas que acompanhem o seu crescimento e aprendizado, e mostrem para essa criança que a maneira como ela progride, é significativa.

No que diz respeito às afetividades da educação infantil, significa acolher a criança em um ambiente completamente diferente de sua casa, proporcionar troca de experiências, estimular o aprendizado e despertar a motivação, não se trata de abraçar e expressar amor o tempo todo. Nesta fase inicial, os professores devem estar atentos a todos os aspectos que afetam o desenvolvimento cognitivo das crianças, pois o ambiente escolar é afetivo, seguro e confortável. A Educação Infantil é a etapa em que a criança começa a construir sua identidade, e nesse momento é de suma importância que a mesma se sinta amada, acolhida, aceita e ouvida para que possa despertar para a vida, a curiosidade e a busca pelo conhecimento.

A infância é um período em que os modos de pensar e estilo de vida dos humanos são formados, e esses modos são afetados por seu contato pessoal na escola e na família. Segundo Ariès (1981), a infância é um fenômeno histórico e não necessariamente natural, através do qual as características da criança podem ser esquematicamente delineadas pela dependência do adulto em troca de proteção.

A afetividade é um sentimento que está baseado na confiança, no carinho, no respeito, na admiração e que faz com que nossa autoestima eleve, assim em sala de aula o aluno consegue mostrar se gosta ou não de estar na escola. A falta desse sentimento traz problemas e consegue que a criança fique totalmente negada a tudo.

Se a educação não conseguir promover a construção do conhecimento por meio do afeto, do respeito às dificuldades e aos sentimentos do aluno, não será à base do autoritarismo e do castigo que formará cidadãos coerentes. Pois o afeto entre educador e educando é como uma semente lançada em terra fértil: germina numa rapidez surpreendente e produz frutos de qualidade (BONFIM, 2011, p. 9).

A afetividade promove a autoconfiança, autoestima, o apoio mútuo, desenvolvimento e impacta positivamente na saúde do corpo e da mente. As atitudes irão te ajudar a levar a vida com mais afetividade, a fim de fortalecer o seu relacionamento com as outras pessoas, consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. O professor ocupa um papel muito importante como mediador na vida e na aprendizagem do aluno, favorecendo a construção do seu conhecimento, e o afeto é um meio pelo qual o professor pode usar para se aproximar dos alunos, valorizando suas experiências trazidas de casa.

A forma como se comporta, a confiança com que enfrenta novos problemas, o interesse que demonstra na aprendizagem de novas coisas - tudo é função de sua autoimagem. Sua atitude acerca de si mesma se reflete em suas respostas emocionais às outras pessoas. Pode-se tratar de uma criança feliz, afetuosa, comunicativa, que simpatiza rapidamente com os demais e se dispõe a partilhar seus brinquedos e a dar-se bem com seus companheiros de brincadeiras. Ou pode tratar-se de uma criança ansiosa, cabisbaixa, tímida ou hostil, que assim expressa sua raiva e seu medo diante da maneira com que o mundo a vem tratando (PULASKI, 1986, p. 141).

Sabendo que a escola tem a função de conduzir o aluno a adquirir um conhecimento sistematizado, mas levando em conta o contexto social de hoje, a escola acaba assumindo também a responsabilidade de desenvolver habilidades sociais, que antes eram só de responsabilidade da família. Dessa forma, a relação família e escola é importante no desenvolvimento integral do indivíduo.

O desenvolvimento do ser humano como existência plena não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta um movimento de integração, conflito e alternância que implica nas vantagens do conjunto de funções. Em relação à emoção e à cognição, essas coleções se revezam em termos de popularidade ao longo do estágio de desenvolvimento. Nas fases de emoção impulsiva, individualismo e adolescência, o auto movimento é o principal, e o grupo função emocional é mais comum. Nas fases de movimento sensorial, projeção e classificação, o movimento externo ocorre no outro conhecimento, o conjunto dominante é o conjunto de funções cognitivas (2008, *apud* FERREIRA; ACIÓLY-RÉGNIER, 2010, p. 4).

A interação social - entre alunos e professores - no ambiente escolar passa a ser entendida como condição necessária para que os alunos produzam conhecimentos, especialmente aqueles que permitem o diálogo, a cooperação e a troca mútua de informações, o confronto de diferentes pontos de vista e a divisão de tarefas que implica que todos são responsáveis, que juntos levarão a um objetivo comum. Portanto, “o professor deve não apenas permitir que elas aconteçam, mas também promovê-las no cotidiano da sala de aula” (VIGOTSKY *apud* REGO, 2002, p.110).

Para nortear as características a serem desenvolvidas na escola, é definido um conjunto de ações que juntas formam o indivíduo equilibrado, sendo assim em base do que já produzimos até aqui nesta pesquisa, foram elaborados os princípios que a Educação deve promover aos seus estudantes na Educação Infantil. Elas são:

A educação deve favorecer o fortalecimento dos vínculos entre as pessoas. Por conseguinte, é possível identificar que os discursos dos educadores sugerem que a relação educadora e educando se constitua espaço significativo dentro do processo de aprendizagem, haja vista que, as relações interpessoais implicam em um enorme poder de impacto afetivo tanto nos educadores quanto nos educandos, podendo ser positivo ou negativo, dependendo da forma como essas interações são vivenciadas.

O local que possibilita uma vivência social diferente da do grupo familiar, tem um relevante papel, que não é como já se pensou o de compensar carências (culturais, afetivas, sociais, etc.) do aluno, e sim, oferecer a oportunidade de ter acesso a informações e experiências novas e desafiadoras capazes de provocar transformações e de desencadear processo de desenvolvimento e comportamento (REGO, 2005, p. 62).

O processo de ensino e aprendizagem é favorecido por interações em sala de aula baseadas em afetividade, portanto, é necessário pensar em uma prática pedagógica que

leve em consideração os aspectos afetivos. Nessa perspectiva, Cunha (2008, p. 51), diz que: “Em qualquer caso, a primeira forma de chamar a atenção do aluno é a emoção. É um meio para promover a educação. Rompe áreas que normalmente estão fechadas às possibilidades acadêmicas”. Considerando o grau de dispersão nas escolas hoje, os conflitos familiares e pessoais, e até mesmo o comportamento agressivo, é difícil encontrar outros mecanismos de apoio ao professor mais eficazes.

O desenvolvimento da criança deve ser levado em consideração, juntamente com o fato de que ela está inserida em uma sociedade e deve conviver com ela, se adaptar, criar meios de interação e iniciar o seu processo de aprendizagem. Conforme discutido, adentramos no universo da criança, primeiramente entendendo sobre a construção da infância, do contexto que foi gerado para que hoje ela pudesse ter os direitos à educação, à saúde, mantendo a responsabilidade do desenvolvimento psicossocial para o Estado, a sociedade e a família.

Para que uma escola seja inclusiva, ela precisa abrir espaço para todas as crianças, sendo elas portadoras de necessidades especiais ou não. Quando a criança portadora de deficiência começa a ter convívio com outras crianças, ela deixa de ser excluída e passa a ser parte integrante daquele meio social, garantir que o processo de inclusão possa fluir da melhor forma possível é responsabilidade da equipe gestora – formada pelo diretor, coordenador pedagógico, orientador e vice-diretor, quando houver – e para isso é imprescindível que tenham conhecimento e condições para aplicá-lo nas atividades rotineiras da escola.

A rede regular de ensino deve oferecer educação especial para qualquer aluno com deficiência, esse processo exige transformações na forma de conduzir as aulas e no modo de se relacionar com as turmas e famílias. Para que a escola esteja preparada para atender os alunos portadores de deficiência, se faz necessário que ofereça condições mínimas de acessibilidade como: rampas de acesso, corrimões, sala multifuncionais, portas com larguras adequadas para cadeirantes, banheiros adaptados, material didático adequado etc.

A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo da escola, o principal desafio que têm os pais, professores e profissionais que trabalham com crianças que apresentam dificuldades, é ajudá-las a adquirir confiança em si mesma, acreditar nas suas capacidades (GOMES; *et al*; 2010, p. 7).

Num panorama de Escola Inclusiva, é indispensável compreender que incluir não é unicamente matricular um aluno em um ambiente escolar e achar que a inclusão já esteja efetivada. Se assim for, ou seja, se o investimento na qualidade de ensino não se tornar uma ação constante, a demanda das matrículas desse aluno na classe comum pode resultar em rejeição cada vez mais proeminente e em desencadear maior dificuldade de estudar junto com os outros alunos. Em virtude disso, a escola deve oferecer oportunidade para esses alunos desenvolverem suas habilidades e aprendizagens, condizentes com suas limitações ou superdotações.

De acordo com Mantoan, (2006), a inclusão total e irrestrita é uma oportunidade para revertermos a situação na maioria das escolas.

Essas situações atribuem ao aluno as deficiências causadas pelo ensino que oferecem, sempre avaliando o que o aluno aprendeu, ele não sabe o quê, mas muito “menos análise do "o quê" e do "como" ensinado pela escola”, para que os alunos não sejam punidos por repetição, evasão, discriminação ou exclusão (MANTOAN, 2006, p. 18).

Pode-se perceber que construir uma escola inclusiva não é uma tarefa fácil, é necessário acreditar nas possibilidades de aprendizado, e vencer obstáculos diários. Muitas vezes, esses obstáculos nos impedem de valorizar e executar a educação com ênfase na diversidade, no entanto, é necessário que nos sensibilizemos com a história de luta desse público-alvo em busca de direitos de igualdade.

O processo de negação mais difícil é quando os alunos com alguma deficiência entram para a escola regular, no qual são comparados com crianças normais ou sofrem algum tipo de exclusão, Fonseca (1995), salienta que essa é uma situação crítica vivida pelos mesmos, pois é a ruptura entre o envolvimento familiar e o envolvimento social, daí a importância de a entrada na escola ser prevista o mais cedo possível, com medidas adaptativas, com profissionais preparados para lidar com estas situações.

A escola é um local de aprendizado que vai além da alfabetização, para Fonseca (1995), a escola não pode esquecer que a criança é um conjunto de pensamentos e de movimentos: comportamento na escola, no recreio, na família, com outros grupos, deve ser conhecido e compreendido antes de se esboçar qualquer desajustamento emocional. Cabe à escola adequar um envolvimento às necessidades da criança, nunca desenvolvendo funções seletivas, mas, pelo contrário, integrativas. Bechtold e Weiss,

(2012), salientam que a escola não pode permanecer como um espaço social que não reflete o que realmente é a sociedade, pois é dentro dela que se dá grande parte das aprendizagens humanas e como não aprende dentro dela, a convivência com as diferenças.

A escola inclusiva se trata de um espaço no qual as pessoas aprendem juntas, de forma que isso é totalmente possível, independentemente de qualquer fator. Assim, a escola inclusiva precisa estar preparada para receber pessoas com distintas necessidades, atendê-las de forma adequada, consciente de que existem diferentes pessoas que aprendem em ritmos diferenciados e tem específicas capacidades. O conceito de inclusão diz respeito a isso, uma educação de qualidade assegurada independentemente de tais diferenças.

Tornar o ambiente escolar um espaço inclusivo, significa que todos os alunos sem exceção têm direito à educação, recebendo oportunidades educacionais adequadas, próprias às suas habilidades e necessidades. Do mesmo modo, é imprescindível que o aluno e professor recebam todo o auxílio que precisam para promover este ensino.

A inclusão do aluno na vida social da escola é parte importante da Educação, para os relacionamentos e as interações sociais. Para desenvolver relações de amizade e respeito, faz-se necessário que a criança com deficiência tenha oportunidades constantes e contínuas da inserção social entre as demais crianças, possibilitando ao aluno portador de necessidades especiais, tornar-se membro integrante e valorizado em sala de aula.

Neste ambiente, é extremamente essencial que o educador respeite e valorize o ritmo de cada criança ao realizar as propostas, pois cada indivíduo é um diferencial na educação e assim, tem seu ritmo dentro de seu crescimento escolar.

Não basta aceitar a presença de um aluno com deficiência na sala de aula, é preciso que o professor se comprometa em elaborar sua prática educativa, propiciar situações que permitam que ocorra a inclusão, estimulando a interação nas atividades propostas, além de diversificar seu método de avaliação para que possa valorizar a capacidade individual de seus alunos, também adaptar materiais, com a finalidade de facilitar o desempenho dos mesmos conforme suas necessidades.

“Ensinar é compromisso com os outros, a tolerância escolar desafia a mudança de

atitudes em relação aos outros, já não é um indivíduo qualquer, mas uma pessoa vital para a construção da sociedade que queremos formar” (NASCIMENTO, 2007, p. 13). Para tornar-se uma escola inclusiva, não deve apenas acolher e promover a interação social, faz-se necessário oferecer condições de aprendizagem, bem como um espaço físico adequado, meios que facilitem seu acesso, profissionais capacitados, apoio por parte da família e da sociedade.

É necessário percebermos a mudança que já está ocorrendo em nossos sistemas de ensino e, conseqüentemente, influenciaram a sociedade como um todo. Preparar-nos e preparar os alunos para a convivência harmoniosa e respeitosa uns com os outros é o importante papel da escola inclusiva (NASCIMENTO, 2007, p. 13).

Tratando-se de necessidades educacionais especiais que dizem respeito a todos num âmbito escolar, torna-se necessário investimento na formação a todos os níveis, não só nas universidades, mas também nas escolas superiores de educação, desenvolvendo uma carreira atraente e intrinsecamente motivadora, estimulando em simultâneo, a investigação e a comunicação, promovendo a formação de equipes, no qual a gestão escolar composta pelo diretor, supervisor e orientador tem o dever de orientar e mediar situações que acontecem no decorrer do caminho.

Os educadores sempre têm desafios a superar e, para alunos especiais, é possível superar esses desafios apenas por meio da participação genuína e da transferência emocional. Muitas iniciativas de professores individuais em todo o mundo tiveram sucesso com crianças e jovens com deficiência.

Observamos como o diálogo é importante em sala de aula na mediação do conhecimento, entretanto, para que haja diálogo é necessário ter uma relação positiva e afetiva para haver trocas de experiências, questionamentos sobre o tema e aprendizado em conjunto. Os alunos se sentirão confortáveis para expressar conhecimentos e dúvidas.

A criança precisa ser ouvida, ter sua opinião valorizada, ter seu ritmo e seu tempo respeitados, receber estímulos e ser motivada para que possa se desenvolver e aprender de forma efetiva, construir sua autoestima, autonomia e pensar de forma crítica. Assim, o professor deixa de ser um transmissor do conhecimento para ser um mediador na aprendizagem em sala de aula, contribuindo para a preparação de crianças inteligentes e felizes.

Uma situação de confronto que as escolas enfrentam ao aceitar crianças com certos tipos de deficiência é a postura dos pais, que geram aprendizagem emocional por meio de palavras e ações, principalmente dos padrões que proporcionam ao lidar sozinhos com seus próprios sentimentos. A comunicação emocional com os membros da família e a forma como é estabelecida permitem que as crianças desenvolvam uma autoestima positiva. Os pais de crianças e adolescentes com deficiência tendem a superproteger essas crianças e impedi-las de tomar decisões para o resto da vida.

É importante referir que muitos pais tentam encobrir as necessidades educacionais de seus filhos, alegando que os delírios que cultivaram durante o difícil processo, se contornados, parecem ser mais brandos. As observações desses pais costumam ser de falta de informação, e é difícil lidar com a mais terrível síndrome de discriminação. Para mostrar uma sensação de segurança aos filhos, eles tentam superar a ansiedade e o medo. Quando um educador profissional recebe um aluno com deficiência, ele precisa entender que ele é uma pessoa complexa, contextual e pensante. Seu processo de aprendizagem tem dimensões emocionais e cognitivas. Para compreender o aprisionamento da inteligência, é necessário analisar o jogo entre os fatores que afetam a construção do conhecimento (FERNANDEZ, 2001).

Para tanto, o educador profissional precisa entender a criança como sujeito de aprendizagem, uma existência única, ela traz uma história de vida, vem de um ambiente psicológico, familiar e cultural específico, e possui habilidades cognitivas específicas. Os educadores precisam avaliar e perceber que crianças ou adolescentes com dificuldades de aprendizagem nem sempre indicam deficiência ou déficits cognitivos, o que pode estar relacionado às consequências de práticas pedagógicas inadequadas. Os educadores precisam cultivar empatia, perceber que seus sentimentos contaminarão os alunos e estabelecerão uma comunicação emocional.

É importante referir que, em Portugal, os alunos com necessidades mais complexas estão matriculados em unidades específicas do ensino regular. Em sala de aula têm cerca de seis alunos, um ou dois professores de educação especial e um assistente de operações. As atividades neste espaço ocupam parte do tempo letivo de crianças e jovens, prevendo-se que também frequentem aulas regulares com colegas sem deficiência.

Sob certas circunstâncias, um Curso Específico Pessoal (CEI) é preparado, que

usa adaptações que podem não ser cursos normais como referência. Estas unidades especializadas não são salas especiais, porque são espaços onde os alunos com mais dificuldades podem obter apoios específicos, mesmo que frequentem o maior número de cursos regulares possível. Três anos antes de os alunos com necessidades educacionais especiais deixarem o sistema educacional, desenvolvemos um Plano de Transição Pessoal (PIT) para prepará-los para a vida após a escola. Esses documentos planejam a experiência e o conhecimento da escola sobre o ambiente de trabalho e são projetados para evitar transições repentinas e não planejadas.

Entendemos que a relação afetiva no ambiente da educação infantil é essencial porque traz benefícios importantes para toda a vida da criança. Na prática pedagógica, o desenvolvimento da emoção escolar é uma ferramenta que auxilia no cuidado e na atitude dos professores, de modo que não afetará as crianças de forma negativa. Portanto, o diálogo e o afeto familiar são os elementos básicos da formação da pessoa, do exercício do diálogo, e uma forma de despertar o afeto familiar e desenvolver comportamentos de escuta, respeito, compreensão, aprendizagem e ensino. Nesse sentido, as emoções estão relacionadas às diversas experiências que o sujeito pode ter, seja na família, no ambiente escolar, na comunidade ou na sociedade.

O cérebro humano não é apenas um mecanismo de processamento de informações cognitivas, mas um sistema complexo com emoções e funções cognitivas inseparáveis. Segundo Piaget (2009), a emoção é a base do raciocínio e do desenvolvimento intelectual, a vida emocional e a vida cognitiva são inseparáveis, embora diferentes.

São indissociáveis, pois toda troca com o meio ambiente tem como premissa estrutura e valor. É por isso que não se pode raciocinar sem experimentar certos sentimentos, inclusive na matemática, por outro lado, sem um mínimo de compreensão, não há emoção (PIAGET, 2009, p. 16).

Aceitar que a escola é um lugar que propicia uma interação significativa de aprendizagem para todos os alunos acaba sendo um equívoco. Não é fácil administrar a Educação, como afirma Silva, (2011), principalmente quando algumas pessoas têm problemas complexos, quando os próprios recursos estão distantes, inclusive.

Compreender o mundo é a base de estar nele. Essa compreensão da realidade se realiza por meio da sensibilidade e da reflexão, só é possível construir o pensamento, o sentimento, a imaginação e a ação

no próprio reino da realidade. Refletir este processo, é entender o que a vida emocional - emoções e sentimentos - constituem as pessoas e um aspecto vital da vida social. Emoções e sentimentos são o alimento de nossa alma e existem em todas as manifestações de nossas vidas (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 198).

O processo de aprendizagem deve acontecer com alunos e professores ao mesmo tempo, com as relações afetivas, conforme relata o autor Demo, (2007), para se melhorar a aprendizagem dos alunos, devemos promover a aprendizagem dos professores. Sendo assim, é fundamental que os professores tenham o hábito de ler, aprender, pesquisar e elaborar, de forma a fornecer aos alunos um mecanismo para desenvolver uma aprendizagem autônoma.

CONCLUSÃO

Com o resultado desta pesquisa, pode-se verificar que o impacto das escolas na habilidade de alfabetização de crianças especiais é um fator importante que pais e educadores devem considerar. Pois, de certa forma, o ambiente escolar é onde essas pessoas se formam, e que através das inter-relações estão sendo preparados para lidar com pessoas e situações em diferentes contextos. Compreender a prática de letramento de crianças da educação infantil é o objetivo desta pesquisa, pois, com o número de anos de educação neste âmbito, crianças de seis anos começam a cumprir os requisitos de idade na segunda fase do ensino básico.

O direito à educação dos alunos com necessidades educacionais especiais e de todos os cidadãos é constitucional. A garantia de uma educação de qualidade para todos os meios, entre outros fatores, o replanejamento das escolas, que inclui não só a aceitação, mas também a ênfase nas diversidades. Essa avaliação é realizada salvando valores culturais, fortalecendo as identidades individuais e coletivas e respeitando os comportamentos de aprendizagem e construção.

É importante destacar que a forma como o docente se comporta em uma sala de aula, como se comunica e transmite seus conhecimentos, envolvendo valores e sentimentos, influencia o comportamento dos alunos, pois uma simples palavra, ou jeito de falar e trocar ideias faz toda a diferença no processo ensino- aprendizagem. Nesse

sentido, evidencia-se a importância do respeito, da amizade e da compreensão por estarem envolvidos nesse importante processo.

É mister que, nessa nova realidade, a afetividade é usada com uma importância mais abrangente, referindo-se às vivências do homem, bem como pelas formas consideradas de maior complexidade e, ao mesmo tempo, essenciais para o homem, pois se vive em um período em que o tempo passa cada vez mais rápido e o ensino-aprendizagem representa um ponto de esperança, de equilíbrio, na busca por uma qualidade de vida melhor juntamente com a realização profissional e pessoal.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A Emoção Na Sala De Aula**. Campinas: Papyrus, 1999.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: EditoraGuanabara, 1981.
- ÁRIES, P. **História Social da Infância e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LCT,1981.
- BECHTOLD, P. B; WEIS, S. L. **IA inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais no mercado de trabalho**. (2012) Disponível no site: <http://www2.faced.ufba.br/graduacao/pedagogia/subitens/curriculos>. Acesso: 09/08/2023.
- BOCK, A; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias: Uma Introdução Ao Estudo Da Psicologia**. 13ª. Ed. São Paulo: Saraiva. 1999.
- BONFIM, V. A. **Afetividade Na Escola: Alternativas Teóricas E Práticas**. São Paulo:Summus. 2011.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em Nível Médio, na Modalidade Normal**. Resolução CNE/CEB nº 2, de 19/04/1999.
- BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Implantação do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. Resolução N° 01, de 14/01/2010. MEC/CNE/CEB. Disponível em: <http://blogdocne.blogspot.com/2010/01/resolucao-cneceb-n-012010.html> Acesso em: 20/04/2023.
- BRASIL. **Diretrizes Operacionais para educação infantil**. RESOLUÇÃO N° 04, de 16/02/2000. MEC/CNE/CEB.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. (1996) Brasília: MEC.
- CUNHA, A. E. **Afeto E Aprendizagem, Relação De Amorosidade E Saber Na Prática Pedagógica**. Rio De Janeiro. Wak. 2008.
- DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 8 Ed. Campinas: Autores Associados. 2007.

FARIA, A.L.G. **Educação Pré-escolar E Cultura**. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP. 2002.

FERNÁNDEZ, A. **O Saber em Jogo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FERREIRA, A. L.; Acioly-régnier, N. M. **Contribuições De Henri Wallon À Relação Cognição E Afetividade Na Educação**. Curitiba: Editora UFPR. 2010.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

FORMOSINHO, J. A universidade e a formação de educadores de infância: potencialidades e dilemas. In: Encontros e desencontros na formação do profissionais de Educação Infantil. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 169 – 168.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GOMES, J. S.; SALAS, J. M. A. **Controle de gestão: uma abordagem contextual e organizacional**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições do ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LEONTIEV, A. N. A brincadeira é a atividade principal da criança pequena. in: Fundação Roberto Marinho. **Professor da Pré-Escola**. Rio de Janeiro:FAE,1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática** - São Paulo: Cortez. 1994. (Coleção Magistério 2º Grau. (Série Formação do Professor).

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O Que É? Por Quê? Como Fazer?** São Paulo:Moderna. 2006.

NASCIMENTO, M. Os profissionais da educação infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional In: FARIA, Ana Lúcia e PALHARES, Marina (Org.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 6.ed. São Paulo: Autores Associados, 2007. p. 101-120 (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, 62)

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 5.ed.São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Docência em Formação. Série Educação Infantil).

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Psicologia da Criança**. Tradução por Octavio Mendes Cajado. 4º ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. 10 ed. São Paulo: Ática. 1991

PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget**. Uma Introdução Ao Desenvolvimento Cognitivo Da Criança. Rio De Janeiro: LTC. 1986.

REGO, A. Comportamentos De Cidadania Organizacional: Factor De Competitividade E/Ou Engenharia Social? In: **Competitividade Através Das Pessoas**. Lisboa: RH Editora, 2002, p.7-23.

SILVA, A. P. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Desafios atuais da educação infantil e da qualificação de seus profissionais: onde o discurso e a prática se encontram?** São Paulo, 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social de Mente**. 7a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. São Paulo; Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O Ambiente E Os Processos De Maturação: Estudos Sobre A Teoria Do Desenvolvimento Emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas.1985.

Submissão: maio de 2023. Aceite: junho de 2023. Publicação: agosto de 2023.